



A Viagem como busca da identidade em José Saramago

Odete Jubilado

Universidade de Évora

CEL- Centro de Estudos em Letras

jubilado@uevora.pt

RESUMO

É nosso objectivo reflectir sobre a viagem como busca da identidade em alguns romances de José Saramago onde viagem e identidade se entrecruzam, aparecendo associadas à (re)descoberta de espaços exteriores e interiores. Parte-se, assim, em busca de uma identidade colectiva e viajar “por fora” é então um modo de pensar “por dentro” uma identidade constituída pelas suas relações.

Palavras-chave: ***Saramago; Identidade; Viagem; Cidade; História.***

ABSTRACT

One's aim is to reflect on the journey as search for identity in several of José Saramago's novels, in which travel and identity intertwine and appear associated with the (re)discovery of exterior and interior spaces. Thus, one sets out in search of a collective identity and to travel “outside” becomes a way of thinking “inside” an identity formed by relationships.

Keywords: ***Saramago; Identity; Journey; City; History.***

*Eu fui. Mas o que fui já me não lembra:
Mil camadas de pó disfarçam, véus,
Estes quarenta rostos desiguais,
Tão marcados de tempo e macaréus.*

José Saramago, “Passado, presente, futuro”, *Poemas Possíveis*.

O nosso estudo da viagem enquanto busca da identidade permitir-nos-á detectar uma contaminação operada entre os espaços interior e exterior da personagem-viajante. Tal como o “acto de contar-narrar” histórias, em Saramago, funciona como um modo privilegiado de reflectir sobre a História do povo e da nação portuguesa, assim como sobre a sua identidade, também a viagem permite questionar e repensar uma identidade colectiva e simultaneamente individual, que aparece com frequência associada ao mar e aos grandes feitos históricos de Portugal. Note-se também que este questionamento da identidade colectiva e individual se manifesta pelas relações e pelo confronto que a viagem permite estabelecer com o outro. Porém, a viagem em busca da identidade não se confina ao espaço do mar, surgindo também associada à terra e ao ar. Efectivamente, na narrativa saramaguiana, para além da viagem por ar, também se desenvolvem viagens por mar, como ocorre, por exemplo, em *O Ano...*¹ e, mais significativamente, em *Jangada...*, onde, à semelhança do que sucede com a passarola de *Memorial...*, se inventa um novo meio de transporte, desta vez uma “jangada” em pedra. Não deixa de ser significativa a associação agora estabelecida entre mar e terra, na continuação da já desenvolvida,

¹ Para facilitar a citação recorrente dos títulos dos romances *infra*, utilizaremos as seguintes abreviaturas:

Levantado... Saramago, José, 1980, *Levantado do Chão*, Lisboa, Caminho.

Memorial... Saramago, José, 1982, *Memorial do Convento*, Lisboa, Editorial Caminho.

O Ano... Saramago, José, 1984, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Lisboa, Caminho.

Jangada... Saramago, José, 1986, *A Jangada de Pedra*, Lisboa, Caminho.

Ensaio... Saramago, José, 1995, *Ensaio sobre a Cegueira*, Lisboa, Editorial Caminho.

Terra... Saramago, José, 1997 a), *Terra do Pecado*, Lisboa, Editorial Caminho.

Nome... Saramago, José, 1997 b), *Todos os Nomes*, Lisboa, Editorial Caminho.

Caverna... Saramago, José, 2000, *A Caverna*, Lisboa, Editorial Caminho.

O Homem... Saramago, José, 2002, *O Homem Duplicado*, Lisboa, Editorial Caminho.



em *Memorial...*, entre ar e mar, em relação à passarola. Já em *Memorial...*, o leitor deparara com referências à viagem por mar, que Bartolomeu Lourenço de Gusmão (tal como Ricardo Reis) fez do Brasil para Lisboa e para a Holanda (*Memorial...*, 1980: 198). Também, em *O Ano...*, se faz referência a uma viagem por mar (mesmo se pouco se sabe acerca desta viagem), do Brasil em direcção a Lisboa, de um dos heterónimos pessoanos, à partida, conhecido do leitor, Ricardo Reis. Curiosamente, a viagem é empreendida do mar para a terra, sendo a viagem terrestre (e mais concretamente a viagem cidadina), repleta de deambulações, a que predomina. Para ela apontam justamente as duas (re)escritas do verso camoniano “Onde a Terra se acaba e o mar começa” (Canto III, verso 22) em “Aqui o mar acaba e a terra principia” (*O Ano...*, 1984: 11) ou ainda, já no fim do romance, em “Aqui, onde o mar acabou e a terra espera” (*O Ano...*, 1984: 407) que se ajustam, de certo modo, à viagem inusitada proposta ao leitor, do mar em direcção à terra. Mais uma vez, e tal como vimos acontecer em *Memorial...*, a figura de Camões é convocada a propósito da viagem e da sua configuração histórica, através da citação e das sucessivas (re)escritas do verso camoniano. O verso inicial aponta para a epopeia dos Descobrimentos, evidenciada pela presença do “mar” que aqui “começa”, enquanto na sua primeira (re)escrita “acaba” e na versão final já “acabou”, funcionando, neste caso, como alusão ao próprio romance, que “acaba”. A passagem de uma a outra frase torna-se significativa, na medida em que veicula também uma leitura transgressora do verso inicial camoniano. Assim, e apesar de a epopeia dos Descobrimentos ser explicitamente convocada, podemos ler historicamente, quer na primeira, quer ainda na segunda (re)escrita de modo mais vincado, que a epopeia dos Descobrimentos “acabou” para Portugal – mas que a “terra” continua a “esperar” a sua realização, pois continua a existir no presente (“Aqui o mar acaba”) e no futuro, independentemente do que “acabou” já. Manuel Gusmão (1998a: 26-27) e (1998b: 14) sublinhou “[...] o sentido histórico e transtemporal da última frase de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* [...]” (1998a: 26-27). De facto, este estudioso avança duas explicações para a (re)escrita da frase que “[...] considera uma das fórmulas de apresentação de Portugal nos *Lusíadas* [...]”. Em primeiro lugar, a fórmula aponta para “[...] o sentido da transformação [que] é o de uma mudança de direcção e situa o início da narrativa [...]”. Em segundo lugar, Manuel Gusmão atribui um outro sentido a esta “mudança de direcção” do Brasil para Lisboa, isto

é, do mar para a terra, considerando que ela ilustra: “[...] a passagem da epopeia ao romance [...]” (Gusmão, 1998b: 14). Efectivamente se, por um lado, *O Ano...* evidencia ecos camonianos e também, mesmo se de forma oblíqua, pessoanos, também se torna evidente que a obra surge como um romance e não como uma epopeia, ou seja, uma diferença relativamente a Camões, oferecendo ao leitor uma reflexão sobre um passado dourado, mas encerrado, da qual resulta o imperativo da orientação para o presente. Assim, o rumo da viagem em busca da identidade é agora para a terra portuguesa que, de certo modo, ainda falta “descobrir”, um pouco à semelhança daquilo que Fernando Pessoa (1994: 76) também afirmara no seu poema “O Infante”, de que citamos os versos que nos importa aqui sublinhar: “Cumpriu-se o mar, e o Império se desfez/Senhor, falta cumprir-se Portugal.” Neste sentido, pensamos que a (re)escrita saramaguiana do verso camoniano ganha em ser articulada com os dois versos pessoanos que, em nosso entender, também lhe estão subjacentes. Para que se “cumpra Portugal”, o país terá de se orientar para “outros” Descobrimientos, dado que o ciclo das descobertas pertence ao passado e está encerrado, o que, aliás, já encontráramos em *Memorial...* através do voo simbólico da passarola, que apontava justamente para a descoberta de outros espaços. A importância de Camões em *O Ano...* é, também ela, destacada por Beatriz Berrini (1998: 77-78), que considera “[...] o vate quinhentista [...] o guia, único e insubstituível [...] no labirinto da poesia pessoana [...]”. De facto, é a partir da (re)escrita do verso camoniano que o leitor também acede à poesia pessoana, também ela sempre aberta a novas descobertas. Por outro lado, e ainda como observou Beatriz Berrini (1998: 180), através da (re)escrita de uma expressão idiomática, a importância de Camões também é notória no percurso físico empreendido por Ricardo Reis em Lisboa, onde “[...] todos os caminhos portugueses vão dar a Camões [...]”, ou melhor, à sua estátua, que serve de ponto de referência, de orientação, a Ricardo Reis em Lisboa. Note-se, ainda, que tanto para o leitor português, como para o leitor estrangeiro, Camões e o seu texto também se configuram como pontos de orientação na Literatura Portuguesa. Assim, à semelhança das deambulações de Ricardo Reis pela cidade de Lisboa, de que Beatriz Berrini (1998: 80-85) esboçou o percurso, também o leitor deambula por textos basilares da cultura e da literatura portuguesas, sendo que aparentemente as referências geográficas (como observou esta estudiosa) remetem para a literatura,

como ocorre, por exemplo, com a estátua de Camões, que aponta para *Os Lusíadas*. A viagem do heterónimo por terra, e mais concretamente na cidade de Lisboa, é esclarecedora quanto ao percurso empreendido por Ricardo Reis: trata-se de uma viagem-outra, distinta, cuja diferença aparece marcada pelo regresso a um país que ele, na realidade, desconhece. De facto, a demanda de Ricardo Reis consiste, a nosso ver, em conhecer Portugal, mas também, e sobretudo, em conhecer-se a si mesmo; ora, este auto-conhecimento justifica não só o regresso ao país, mas também a orientação predominante do movimento da viagem do exterior (Brasil – Portugal – Lisboa) para o interior da cidade de Lisboa e de si mesmo. Além disso, Lisboa configura-se também como uma cidade desconhecida, logo propícia a deambulações, sendo que, neste caso, é já uma “viagem moderna” (a deambulação baudelairiana pela cidade anónima), cujo confronto e distância face à epopeia marítima são também significativos. Na verdade, e como observou Carlos Reis (1998: 21-22), se a viagem acaba por “[...] vir a ser um tópico saramaguiano, depois de *Manual de Pintura e Caligrafia* [...]”, ela, não raras vezes, aparece associada à cidade. Efectivamente, a viagem pela cidade, com ou sem nome, é uma constante na obra romanesca saramaguiana. A cidade (com nome) privilegiada é sem dúvida a cidade de Lisboa, ocorrendo, por exemplo, em *História...* e *O Ano...* No entanto, romances como *Ensaio...*, *Nomes*, *Caverna*, ou ainda, *O Homem...* descrevem uma cidade sem nome, ou seja, anónima, mais universal, na medida em que a cidade objecto de descrição nestes romances não é identificada, podendo pertencer a mais do que um tempo ou lugar. Noutros casos, a viagem pela cidade identificada aparece ligada à (re)descoberta de um lugar e de um tempo, graças à convocação de acontecimentos marcantes da História nacional que são objecto de reflexão. Trata-se de uma viagem pela História do país, presentificada pelo regresso ou pela convocação de determinados espaços, como ocorre com as “Lisboas” de *História...* (onde se evoca a Lisboa do século XII) e de *O Ano...* (onde é retratada a Lisboa de meados da década de 30 e a preparação da IIª Guerra Mundial), o que contribui para investir a viagem de um sentido ideológico que, aliás, atravessa toda a obra de Saramago. Assim, a viagem assume claramente uma dupla funcionalidade: por um lado, permite conhecer melhor Portugal (viajando pela História do país) e pelo mundo dos homens, por outro, ela permite ao sujeito conhecer-se a si mesmo. É justamente neste sentido que a viagem metaforiza uma conquista progressiva da



identidade e um itinerário possível de redenção individual e colectiva. Deste modo, a viagem exterior caracteriza-se pelo desconhecimento (evidenciado inclusive pelo motivo do regresso a Portugal) e dá conta de uma certa errância, tanto exterior como interior. Este desconhecimento aparece vincado, ao longo da narrativa, através de uma descrição negativa da cidade de Lisboa, que se manifesta na errância de Ricardo Reis pelas ruas labirínticas (onde é comparado a um cego sem luz, sem orientação) e na névoa escura que a envolve:

[...] Falta a Ricardo Reis um cãozito de cego, uma bengalita, uma luz adiante, que este mundo e esta Lisboa são uma névoa escura onde se perde o sul e o norte, o leste e o oeste, onde o único caminho aberto é para baixo [...] (*O Ano...*, 1984: 87).

A ausência de alegria, de luz (e o predomínio da escuridão), a frieza e a nudez das ruas, o “ar carregado” (*O Ano...*, 1984: 14) permitem-nos vislumbrar a cidade quase fantasmagórica com que depara o viajante à sua chegada a “esta Lisboa” enevoada:

[...] A tarde escurece e ainda agora são quatro horas, com um pouco mais de sombra se faria a noite, porém aqui dentro é como se sempre o fosse, acesas durante todo o dia as fracas lâmpadas, algumas queimadas, aquela está há uma semana assim e ainda não a substituíram [...] (*O Ano...*, 1984: 14).

Na verdade, a cidade evidencia uma claridade sombria propícia à desorientação, à errância exterior, mas também interior, do viajante pelos labirintos de um “eu” que é simultaneamente nacional e individual. A identidade nacional de Portugal surge, então, associada, neste romance, à identidade pessoal do heterónimo e ao percurso físico que ele efectua. Neste sentido, é esclarecedora a observação de Adriana Alves Martins (2002: 131) quando considera que as “[...] identidades propriamente ditas [devem ser] sempre entendidas nos seus aspectos individual e colectivo [...]”. Na verdade, *O Ano...* estabelece uma cumplicidade com o leitor pessoano, que passa também por uma certa estranheza irónica, proveniente do facto de aparentemente se assumir, de forma imediata, a existência “biográfica” de um dos heterónimos de



Pessoa – e isto depois de tanto se ter escrito sobre a necessária diluição desse “biografismo”. No entanto, e para lá de o leitor saber ou não quem é afinal Ricardo Reis, o modo como o romance se desenrola permite-lhe tomar conhecimento de vários acontecimentos (a atmosfera político-social do País, o ambiente lisboeta, o Estado Novo) que ocorreram durante a estadia de Ricardo Reis em Lisboa até morrer. *O Ano...* manifesta precisamente essa busca de identidade (aqui orientada para a terra) na medida em que evidencia um duplo significado da viagem em direcção à terra. A viagem de Ricardo Reis assume uma dupla funcionalidade, visto tratar-se de uma viagem em busca quer de uma identidade individual, quer de uma identidade colectiva para a qual aponta, aliás, o sentido duplo da palavra terra. Deste modo, a terra metaforiza, neste caso, a pátria portuguesa a que o heterónimo regressa após anos de ausência, mas também remete para a busca de uma identidade individual. Efectivamente, no caso de *O Ano...*, o leitor pode vislumbrar uma personagem-viajante, Ricardo Reis, que parte em busca de uma identidade perdida. Esta busca materializa-se, por um lado, no regresso de Ricardo Reis a Portugal e mais concretamente a Lisboa e, sobretudo, na sua capacidade de “outrar-se”, isto é, de (re)descobrir estes espaços nacionais do ponto de vista do outro. Por outro lado, a busca e a errância pela cidade desdobram-se numa busca interior que implica um auto-questionamento, simultaneamente individual (quem sou eu) e nacional, alicerçado numa reflexão sobre o Portugal e a Lisboa com que a personagem-viajante depara no seu regresso ao país. Privilegia-se, deste modo, o presente, não o passado dourado, definitivamente encerrado, para o qual remetia a estátua de Camões, a que já aludimos anteriormente. Além disso, a (re)descoberta, de certo modo histórica, que a estátua de Camões alimenta, desdobra-se ainda noutra de âmbito literário, aparecendo associada a um dos heterónimos pessoanos: Ricardo Reis. É, assim, sob a égide da alteridade que *O Ano...* se inscreve, oferecendo ao leitor uma viagem-outra (geográfica e histórica) a Portugal e, por conseguinte, a Lisboa, assim como uma viagem literária ao mundo complexo da heteronímia pessoana. O outro também poderá ser, neste caso, o leitor, que é convocado para uma viagem alicerçada num passado histórico (mas também literário), que, mais uma vez, é objecto de reflexão num romance saramaguiano. A viagem para ou na cidade – de que são exemplo romances como *História...*; *Ensaio...*; *Nomes*; *Caverna* e *O Homem...*, onde personagens-viajantes se deslocam reiteradamente numa

cidade e nos seus arredores – surge com frequência na produção romanesca saramaguiana. Assim, Raimundo Silva deambula pela cidade lisboeta, privilegiando a zona mais antiga de Lisboa, ou seja, a zona do castelo e os seus arredores, sendo descritos ao leitor vários dos seus itinerários de casa para a editora e vice-versa. Também em *Ensaio...* se dá conta de várias excursões (de (re)conhecimento) efectuadas individualmente (pela mulher do oftalmologista, espécie de guia) ou em grupo, quando alguns dos prisioneiros sobreviventes do manicómio regressam enfim a casa e efectuam uma visita de reconhecimento às suas antigas casas. Em *Nomes*, o Senhor José efectua também uma série de viagens da sua casa para a conservatória e, dentro dela, em busca dos verbetes; e ainda pela cidade, quando parte em busca da mulher desconhecida do verbete. Em *Caverna*, Cipriano Algor e a família deslocam-se em círculos através de duas cinturas, a “cintura agrícola” e a “cintura industrial”, assim como dentro do Centro, sendo que a progressiva deslocação em círculos culmina com a descoberta da caverna, que poderá ser interpretada como uma gradual descida aos infernos, passando por sucessivos círculos que as cinturas (agrícola e industrial) materializam. Note-se que, à medida que a família Algor se afasta do campo – onde reside, atravessando para isso a cintura agrícola (Paraíso), a cintura industrial (Purgatório) em direcção ao Centro (emblema da cidade) – aproxima-se, em círculos, do Inferno. A deslocação em círculos é, aliás, fortemente sugerida, formando-se uma espécie de espiral sucessivamente atravessada até ao Inferno, que o Centro e o forno corporizam. Além disso, o movimento circular é também evidenciado por todo um léxico (cintura, Centro, caverna, forno) que contribui para o descrever e salientar. Note-se, no entanto, que a viagem também se irá efectuar no sentido contrário, isto é, da caverna em direcção à casa dos Algor, voltando a atravessar-se os círculos num movimento ascendente, simbolizando-se, de certa forma, a libertação da família Algor. Em “Do Centro à Caverna”, publicado no *Jornal de Letras Artes e Ideias* e a propósito do romance saramaguiano *Caverna*, Agripina Vieira (2000: 6-7) sublinhara justamente a organização da paisagem em círculos: “[...] A paisagem organiza-se em círculos sucessivos, delimitados e hierarquizados que mutuamente se excluem, todos eles convergindo para o Centro [...]”. Neste sentido, parece-nos oportuno referir a viagem que, de certa forma, se desenvolve em círculos do exterior para o interior do centro do forno e, posteriormente, da caverna. Note-se, ainda,



que esta viagem exterior é também orientada para o centro do homem, na medida em que ela se desdobra noutra interior, alicerçada numa reflexão sobre o homem e o mundo e, nomeadamente, sobre os valores que actualmente os regem. Assim, como explica Stuart Hall (2006), à medida que a sociedade moderna se torna mais complexa, colectiva e social, devido às transformações económicas e políticas, o ser humano altera a sua identidade, tornando-se um “ser definido” no seio destas novas estruturas sociais. Trata-se de uma viagem de auto-conhecimento baseada, como já vem sendo hábito em Saramago, em determinados aspectos da sua História. No entanto, a História passa aqui a segundo plano, destacando-se agora o percurso de auto-conhecimento do homem num mundo regido por valores-outros. O homem torna-se, assim, o centro da História do mundo e da história do romance através da descrição do mundo desumano configurado no “Centro” em que vive e onde o consumismo desenfreado se sobrepõe à importância do ser humano. O “Centro” corporiza, assim, aquilo a que Hall (2006: 42) chama “poder disciplinar” através da leitura de um dos cinco teóricos, Michel Foucault, que conseguiram perceber a descentralização do sujeito e cujas teorias influenciaram o pensamento científico do século XX. É precisamente este “poder disciplinar” que controla, regula, vigia e governa a espécie humana que encontramos em *Caverna* no “Centro” que controla tudo e todos, exercendo um controlo sobre o indivíduo e a sua vida, de modo a que permaneça um ser dócil, sob controle e disciplina no trabalho, no lazer e nas suas actividades. A perda de um conjunto de valores (como a tolerância, a compreensão, a compaixão, a justiça, entre outros), em virtude de uma vida regida pela globalização e pela injustiça social, é acentuada pela reflexão desenvolvida em *Caverna* a propósito do homem e do mundo onde está inserido. Ora, segundo Hall (2006), é precisamente a globalização que vai contra a visão moderna da sociedade que antes tinha uma identidade nacional bem definida. Assim, deve-se à globalização a desintegração das identidades nacionais, ocasionando o “crescimento da homogeneização cultural” (Hall, 2006: 69). A globalização refere-se “[...] àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado [...]” (Hall, 2006: 67). Além disso, o leitor acede a esta reflexão através de monólogos interiores como, por exemplo, os de Cipriano Algor, que



contribuem para o processo de auto-conhecimento da personagem. A reflexão sobre o homem e a sua importância como elemento fundador do mundo e da sociedade onde vive é, aliás, já uma constante desde *Ensaio...*, *Nomes* e *Caverna* até *O Homem...* De facto, todos estes romances congregam viagens exteriores (através da descrição do mundo desumano em que vivem os homens), mas também viagens interiores (ao centro do homem, que acabam por revelar a sua humanidade). Assim, a viagem deve ser aqui entendida nas suas “múltiplas formas”, como avança Agripina Vieira (2000: 6), ao destacar:

[...] a importância que a viagem reveste para a construção narrativa. Entendamos aqui o termo viagem nas suas múltiplas formas, tanto as físicas e concretas de deslocação por um tempo ou por um espaço como as oníricas ou pensadas, ou ainda a viagem, ou se quisermos o percurso, que conduziu à escrita do texto [...].

Efectivamente, a viagem, neste caso física, que implica uma deslocação num determinado tempo e espaço, possui uma dimensão narrativa em *Caverna*, que é de acentuar, assim como noutros romances saramaguianos (pense-se em *Terra...* onde a viagem final do Doutor Viegas culmina na sua morte), visto que por ela algo ocorre e muda na história. Deste modo, *Caverna* abre com uma viagem física em direcção ao Centro, funcionando como um “[...] pretexto narrativo escolhido para uma apresentação do espaço da história [...]” (Vieira, 2000: 6), mas o certo é que também podemos falar de uma viagem onírica através do sonho de Cipriano Algor no forno ou ainda da “viagem” necessária do leitor ao texto de Platão “*Caverna*”. Finalmente, em *O Homem...*, Tertuliano Máximo Afonso realiza sucessivas deslocações de casa para a escola e para o clube de vídeo, assim como para a casa do seu sócia António Claro (ou Daniel Santa Clara, o seu nome artístico), mas também para fora da cidade, quando parte em busca do seu duplo, recorrendo para isso a um mapa, onde traça um roteiro. A cidade e os seus arredores configuram-se, assim, como espaço privilegiado de viagem, que personagens-viajantes exploram em busca de algo sempre especial: um amor impossível (como no caso da mulher desconhecida); um amor possível, como, por exemplo, aquele

de Raimundo Silva e de Maria Sara ou de Cipriano Algor e Isaura Estudiosa; uma identidade individual perdida, como, por exemplo, em *O Ano...*, *O Homem...* ou uma identidade colectiva perdida, como em *Jangada...*, *História...* – e finalmente reencontrada, de forma diferente e inesperada. É precisamente esta identidade colectiva que reencontramos no caso de ..., pois, também aqui, assume os contornos de uma viagem lusitana que se oferece ao viajante como a possibilidade de repensar o “acontecer português” e a Europa. ... – que Maria Alzira Seixo (1999: 166) considera “[...] o mais importante livro da viagem na obra de José Saramago [...]” – retoma precisamente o motivo da viagem por mar – tão caro à obra de José Saramago e, segundo Maria da Conceição Madruga² (1998: 86), significativo não só “[...] como plataforma de aventura, como reflexão e iniciação filosófica [...]”, mas também como mais uma literal viagem oceânica: “[...] Até esta altura, quando já vão escritas tantas páginas, a matéria narrativa tem-se resumido à descrição de uma viagem oceânica [...]” (*Jangada...*, 1986: 317). À semelhança de *O Ano...*, também em *Jangada...*³ assistimos a uma viagem (de Portugal e do seu povo) em busca da identidade nacional e cultural, explicitada através da efabulação de uma deslocação geográfica, dado que, ao desprender a Península da Europa, o romance acaba por propor uma nova topografia para um Portugal marinheiro. Parte-se à aventura, navegando pelo Atlântico, à procura de uma identidade diferente para Portugal, que não aquela confinada aos limites físicos da Europa. O romance

2 Veja-se a propósito do estudo da viagem o livro de Maria da Conceição Madruga (1998), *A Paixão Segundo Jesus Cristo. A Paixão do Verbo e o Verbo da Paixão*, nomeadamente as páginas 85-119, onde se desenvolve um estudo da questão da viagem em *Jangada...*

3 A propósito da *Jangada de Pedra*, veja-se também a interpretação cinematográfica que do livro é feita. George Sluizer (Director) (2002), *A Jangada de Pedra* (Filme), DVD, Lisboa, Lusomundo Audiovisuais, 105 minutos.

4 Ao ser questionado sobre os motivos que o levaram a desprender a Península Ibérica do resto da Europa e a fazê-la vogar pelo Atlântico, Saramago explica que a ideia lhe ocorreu durante um almoço com Cremilde Medina, que tinha feito uma série de entrevistas com escritores portugueses. Durante esse almoço “[...] falámos das ligações especiais que existem entre Portugal e Espanha e a América Central e do Sul e começámos a imaginar o que aconteceria se por exemplo um daqueles sábios loucos inventasse um sistema mirabolante que fizesse separar a Península da Europa [...]”. (José Saramago e Inês Pedrosa, 1998: 24-25). Para além disso, na mesma entrevista, intitulada “A Jangada de Pedra e o antieuropeísmo”, Saramago explica também o porquê da separação da Península Ibérica da Europa: “[...] Se olhar para a história da Europa, verá que esta área, para além de ter as suas características próprias, como todas as áreas, foi sempre vista como qualquer coisa de apêndice. A Europa como tal nunca existiu [...]” (José Saramago e Inês Pedrosa, 1998: 24-25).

corporiza este repensar a Europa à luz da poética saramaguiana. Com efeito, a Península Ibérica⁴ vai literalmente desprender-se do continente europeu e navegar, como uma imensa jangada de pedra (cuja simplicidade e fragilidade remete para as naus portuguesas dos Descobrimentos), pelo Atlântico. A Península Ibérica, vinda da Europa, é, assim, posta a vogar entre a América do Sul e a África central. Trata-se, então, de uma transposição à letra da própria história dos países ibéricos, postos narrativamente a vogar entre três continentes – Europa, África e América do Sul. E, no contexto, é tão significativo que o “corte das amarras” estritamente europeias se dê e que a Península “navegue”, como o facto de que ela se imobilize, algures no meio do Oceano, como se tivesse encontrado, finalmente, o lugar geográfico “natural” que exprime o seu destino histórico. A imagem de Portugal como um país de viajantes eternamente em demanda, muito recorrente em José Saramago, expressa a firme convicção de que Portugal pouco teria a ver com a Europa, e bastante mais com a América latina, e faria parte de uma “bacia cultural atlântica e ibero-americana”, projecto concretizado ficcionalmente na *Jangada...*, quando a Península é posta a navegar entre a América do Sul e a África central, “libertando-se” da Europa. Temos, então, uma Península que navega devagar, em busca de novas (mas diferentes, porque anti-expansionistas) conquistas ibéricas e de uma

Saramago define ainda dois objectivos para *Jangada...*, consistindo o primeiro em mostrar que “a Península Ibérica tem pouco a ver com a Europa no plano cultural [...]”, enquanto o segundo objectivo expresso é o seguinte:

[...] Há na América um número muito grande de povos cujas línguas são a espanhola e a portuguesa. Por outro lado, nascem em África novos países que são as nossas antigas colónias. Então imagino, ou antes, vejo uma enorme área ibero-americana e ibero-africana, que terá certamente um grande papel a desempenhar no futuro [...]. Ponho a Península a vogar para o seu lugar próprio que seria no Atlântico, entre a África do Sul e a África central. Imagine, portanto, que eu sonharia com uma bacia cultural atlântica [...] (José Saramago e Inês Pedrosa, 1998: 24-25)

Também o regresso da Península fica sujeito a uma condição: “[...] Estaria disposto a fazer regressar do mar a errante jangada, depois de alguma coisa ter aprendido nesta navegação se a Europa, reconhecendo-se incompleta sem a Península Ibérica, fizesse pública confissão dos erros cometidos, injustiças e desprezos”, in “Europa sim, Europa não”, (Saramago, 1998b: 29-30). Note-se ainda que a reflexão moral sobre o acontecer português ou internacional constitui, segundo Horácio Costa (1997: 96), um núcleo temático no conjunto de textos saramaguianos em prosa de pequena extensão como as crónicas: *Deste Mundo e do Outro, A Bagagem do Viajante, os Apontamentos ou As Opiniões* que o DL tece, Horácio Costa (1997: 97-116) esclarece, ao longo da sua análise das crónicas, que é justamente “o carácter nacional português [que] fornece a Saramago uma plataforma ampla para o exercício da ironia” (1997: 97).



nova, e radicalmente diferente, aventura marítima: “[...] a barca que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido [...]” (*Jangada...*, 1986: 43). Valerá a pena relacionar esta frase com o verso camoniano duplamente (re)escrito em *O Ano...*, que relembramos aqui: “onde a terra se acaba e o mar começa”. Com efeito, a frase de *Jangada...* evidencia um significado análogo ao do verso camoniano, isto é, o movimento efectuado é da terra para o mar, espaço propício a potenciais novas descobertas e aventuras – logo, por isso mesmo, desconhecido. Deste modo, a questão da geografia surge como lugar relativo, isto é, posição de um sujeito colectivo, Península, relativamente a outros sujeitos. A viagem, em termos geográficos, começa quando um grupo de ibéricos viaja para o Estreito de Gibraltar e para Lisboa, onde Joana Carda os convence a ver de perto o sítio onde ela dividiu a Península no solo, ao fazer o risco no chão. Depois, o grupo viaja em direcção ao Norte de Portugal: “[...] como antigos e inocentes navegantes, no mar estamos, o mar nos leva, para onde nos levará o mar [...]” (*Jangada...*, 1986: 136), e à Galiza, onde Maria Guavaira os espera. No entanto, os Açores estão no caminho e quando a colisão já parecia inevitável a Península é desviada ao chegar à primeira ilha, a partir da qual muda de rota para Norte. Depois de uma longa viagem, o grupo atinge finalmente o local exacto da ruptura, chegando ao seu destino. A viagem acabou, mas existem outras possíveis, como aquela que os viajantes iniciam navegando de novo para sul. Existe um percurso topográfico da Península Ibérica que depende da continuação da leitura do romance, dado que as etapas deste percurso são desvendadas ao leitor progressivamente durante o processo de leitura, facultando-lhe, de certo modo, a possibilidade de visitar (mesmo se imaginariamente) os lugares e espaços descritos. Ora, este percurso topográfico facultado pela leitura emerge na produção romanesca saramaguiana e oferece esta possibilidade a um leitor, sem dúvida entendível como um metafórico companheiro de viagem, de conhecer novos mundos, novos espaços ou, simplesmente, de visitar espaços conhecidos (e afinal desconhecidos), como ocorre com a cidade de Lisboa, com um novo olhar. Talvez por isso as personagens saramaguianas, como já sublinhámos anteriormente, surjam com relativa frequência munidas de mapas, tracem roteiros, percursos novos nas cidades onde, à partida, vivem e que conhecem. Relembremos, por exemplo, *O Homem...*, onde Tertuliano Máximo Afonso recorre a um mapa onde traça um roteiro, quando parte em busca do seu sócia fora da cidade. Do

conhecimento de um determinado espaço decorre a premissa de que o importante é a viagem, ou melhor, as histórias que toda a viagem permite contar, o que reitera a importância da figura do contador de histórias. Este ambiente de viagem e de viajantes é também criado por aquilo que poderíamos considerar “uma escrita saramaguiana da viagem” em busca de uma identidade esculpida por todo um léxico que a sustenta, concretizando-se na sua leitura. Para ela remetem expressões e verbos significativos como “naufrega-se”, “atlântico”, “viajantes”, “viagem”, “galera”, “ilha”, “mar”, “barco”, “navegação”, “mapas”, “porto”, “cais”, “oceanos”, “diário de bordo”, “tripulação”, “velas”, “aventuras oceânicas”, “caravela”, “jangada” e outras tantas palavras da mesma área semântica. A abundância deste tipo de léxico e do campo semântico para que remete contribui, em não pequeno grau, para ajudar a configurar o romance saramaguiano como um espaço privilegiado de viagem com uma topografia própria, orientada sobretudo para Portugal como espaço transitivo. Nele, deslocam-se personagens-viajantes, cujas viagens decorrem essencialmente em terras portuguesas (por terra, mar e ar), mas que também se desenvolvem para fora do país, embora a viagem para fora adquira conotações negativas em Saramago, de que é exemplo a viagem a França em *Levantado...* (1980: 288-289; 344). Em *Levantado...*, viaja-se também para o estrangeiro, nomeadamente para Espanha e França, tendo esta última uma conotação negativa, na medida em que se trata de uma viagem forçada em busca de melhores condições de vida, através de uma emigração miserável. É justamente esse o caso da deslocação a França de António Mau-Tempo, marcada pela inutilidade e pelo desencanto. Neste caso, trata-se de uma viagem para fora do país, conotada negativamente através da descrição pormenorizada das condições de vida miseráveis em que vivem os emigrantes (dois portugueses e um espanhol de Andaluzia), disfemisticamente comparados a “três bichos ibéricos”, o que acentua as implicações sociais e políticas da viagem e da identidade. A comparação evidencia dois aspectos da emigração: por um lado, o facto de os emigrantes serem tratados como “bichos” (e inclusive serem considerados abaixo de bichos, nomeadamente quando são comparados aos “cavalos da ferme,” bem alimentados e asseados) e não como seres humanos com os seus direitos. Por outro lado, o olhar de desprezo e de escárnio do francês relativamente ao outro (um “olhar em modo de mangação”) funciona, neste caso, como uma reiteração da viagem nefasta e inútil dos emigrantes portugueses e

espanhóis, que são vistos como bichos com mau cheiro de quem o “gendarme” desconfia e cujos papéis verifica à distância, devido ao mau cheiro. A França é também aqui o país que implica “[...] longas viagens de comboio, uma grande tristeza, um maço de notas atado com um cordel [...]” (*Levantado...*, 1980: 288-289; 344), e a perda do único bem que o viajante possuía quando partiu, a sua saúde: “[...] A França é um derreamento de rins, duas facas espetadas aqui e aqui, uma aflição de cruces martirizadas, uma crucificação num bocado de chão [...]” e “[...] quem viu este rapaz, vê-lo agora, ainda está longe dos cinquenta anos e apesar disso, a França deu cabo dele [...]” (*Levantado...*, 1980: 288-289; 344). No entanto, o espaço português (apesar de se configurar como melhor) é também intensamente problematizado. Neste sentido, viajar para fora do país pode ser um modo privilegiado de pensar aquilo que está dentro do país, por analogia ou por contraste, como em *O Ano...* Neste caso, o acto de citação do fim do *incipit* de *Levantado...* em *O Ano...* permite instaurar um diálogo entre o mesmo e o outro que se manifesta na recontextualização de um fragmento relido em função de *O Ano...*:

[...] Uma soma de nós ambos dividida por dois, Não diria antes que o produto da multiplicação de um pelo outro, Existe essa aritmética, Dois, sejam eles quem forem, não se somam, multiplicam-se, Crescei e multiplicai-vos, diz o preceito, Não é nesse sentido, meu caro, esse é o sentido curto, biológico, aliás com muitas excepções, de mim, por exemplo, não ficaram filhos, De mim também não vão ficar, creio, E no entanto somos múltiplos, [...] Como vê, cada um de nós, por seu lado, vai dizendo o mesmo, Então não valeu a pena estarmos multiplicados doutra maneira não teríamos sido capazes de o dizer [...]. (*O Ano...*, 1984: 89).

Lembremos o contexto em que ocorre esta (re)leitura: a citação surge depois de uma conversa entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa, quando estes se dirigem para o Terreiro do Paço e começa a chover. A partilha de um guarda-chuva despoleta a pergunta significativa de Ricardo Reis a Fernando Pessoa: “[...] Quem estiver a olhar para nós, a quem é que vê, a si ou a mim, vê-o a si, ou melhor, vê um vulto que não

é você nem eu [...]” (*O Ano...*, 1984: 89) que imediatamente antecede o excerto já citado. É à luz deste novo contexto que é relido o conselho de *Levantado...* (“crescei e multiplicai-vos”) remetendo, desta feita, não só para a criação biológica aplicada ao heterónimo pessoano, mas também para a sua criação literária. O excerto retoma uma questão cara a Saramago: a identidade que se manifesta quer na multiplicação de uma mesma personalidade, quer na criação literária. Aliás, esta problemática da identidade aparece também associada a uma outra temática, também ela recorrente na produção romanesca saramaguiana: a questão do nome. Efectivamente, os nomes das personagens e até dos cães são com frequência alvo de reflexão e de interrogação por parte do narrador, que procura reflectir, explicar e legitimar a sua origem. A problemática do nome e da identidade culmina justamente com *O Homem...*, onde se demonstra que a atribuição de um nome não é sinónimo e muito menos uma garantia da identidade. Pelo contrário, um mesmo nome poderá gerar identidades múltiplas, aquelas que já *O Ano...* sublinhava em relação a Fernando Pessoa e aos seus heterónimos, mas também aquelas para as quais se aponta em *Nomes*, através do arquivo dos mortos e dos vivos da Conservatória. Deste modo, a citação de um fragmento do universo saramaguiano não se limita à sua mera repetição num contexto-outro, porque diferente, mas implica sim o dizer “doutra maneira”, o que equivale a orientar o leitor para uma nova viagem, desta vez intratextual.

Partimos de uma questão pressuposta como exemplar na narrativa saramaguiana: a importância da viagem em busca da identidade. Encontrámo-la centrada no estudo da personagem-viajante, que concretiza um leque de viagens por terra, pelo ar e por mar. No entanto, os espaços convocados nas narrativas e pelos quais deambulam e viajam as personagens não se configuram como espaços estanques, verificando-se frequentemente uma contaminação possível (e até mesmo desejável) entre eles, através da comparação. Disso é exemplo a descrição do voo da passarola que justamente evidencia uma contaminação entre ar e mar. Reencontramos precisamente essa mesma contaminação entre espaços, só que, desta vez, operada entre o espaço exterior e o espaço interior do viajante, que parte em busca de uma identidade perdida. Assim, a viagem física, exterior, desdobra-se numa outra, de que dão conta, por exemplo, romances como *O Ano...* ou *Jangada...*, onde a viagem permite questionar uma identidade colectiva e simultaneamente individual. Ora, curiosamente, essa identidade aparece com frequência associada ao espaço do mar

(embora não se confine a ele), surgindo este também ligado aos grandes feitos históricos de Portugal. Não se trata, contudo, de viver à sombra de feitos gloriosos, mas sim de repensar Portugal, na linha daquilo que nos diz Fernando Pessoa (1994: 76) em “O Infante”, na *Mensagem*: “Senhor, falta cumprir-se Portugal”.

BIBLIOGRAFIA

- Berrini, Beatriz, 1998, *Ler Saramago: o Romance*, Lisboa, Caminho, colecção «Estudos de Literatura Portuguesa».
- Costa, Horácio, 1997, *José Saramago - o Período Formativo*, Lisboa, Caminho, colecção “Estudos de Literatura Portuguesa”.
- Gusmão, Manuel, 1998a, “Linguagem e História segundo José Saramago”, in *Uma Voz Contra o Silêncio*, Lisboa, Caminho, pp. 21-27.
- Gusmão, Manuel, 1998b, “O Sentido Histórico na Ficção de José Saramago”, in *Vértice*, nº 87, Novembro/Dezembro, Lisboa, Caminho, pp. 7-22.
- Hall, Stuart, 2006, *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 11ª edição, Rio de Janeiro, DP&A.
- Madruga, Maria da Conceição, 1998, *A Paixão Segundo Jesus Cristo. A Paixão do Verbo e o Verbo da Paixão*, Porto, Campo das Letras e Profedições.
- Martins, Adriana Alves de Paula, 2002, *A Construção da Memória da Nação em José Saramago e Gore Vidal*, Dissertação de Doutoramento em Literatura Comparada sob a orientação de Maria Irene Ramalho de Sousa Santos e Wladimir Kryszinski, Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa.
- Saramago, José e Inês Pedrosa, 1998, “A Jangada de Pedra e o Antieuropeísmo”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, (ano XVIII, nº 731), Lisboa, 14 de Outubro, pp. 24-25.
- Reis, Carlos 1998, *Diálogos com José Saramago*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 1980, *Levantado do Chão*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 1982, *Memorial do Convento*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 1984, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 1985, *Os Poemas Possíveis*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 1986, *A Jangada de Pedra*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 1989, *História do Cerco de Lisboa*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 1995, *Ensaio sobre a Cegueira*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 1997 a), *Terra do Pecado*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 1997 b), *Todos os Nomes*, Lisboa, Caminho.
- Saramago, José, 2000, *A Caverna*, Lisboa, Editorial Caminho.
- Saramago, José, 2002, *O Homem Duplicado*, Lisboa, Caminho.

Seixo, Maria Alzira, 1987, *O Essencial sobre José Saramago*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Seixo, Maria Alzira, 1999, *Lugares da Ficção*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sluizer, George (Director), 2002, *A Jangada de Pedra* (Filme), DVD, Lisboa, Lusomundo Audiovisuais, 105 minutos.

Vieira, Agripina, 2000, “Do Centro à Caverna”, in *Jornal de Letras Artes e Ideias* (Ano XX, nº 786), Lisboa, 15 a 28 de Novembro, pp. 6-7 (Edição de Homenagem).